

Linguagem Verbal e Não Verbal em Psicoterapia de Crianças* Comentários de uma psicodramatista psicodinâmica**

Silvia Petrilli***

Ao aceitar o convite para participar desta mesa e comentar sobre linguagem verbal e não-verbal em psicoterapia com crianças pela perspectiva do psicodrama, logo percebi que mesmo me sentindo honrada e entusiasmada, “tinha me metido em uma enrascada”.

Como assim? É isso. Eu consigo: *Qual a abrangência do tema? Enorme. Como delimitar? Difícil e nem quero. Mas com tão pouco tempo (para preparar e comentar) qual aspecto privilegiar? O lado de quem fala e age, o lado de quem escuta, ou vê — lê? O lado do cliente, do terapeuta ou dos aspectos relacionais dessa comunicação? Eu disse comunicação? O dito e o não dito, porém atuado, ou o dito de um jeito falado com som e o dito de outro jeito, em mímica? O dito explícito e o dito implícito? O manifesto e o latente? Os aspectos conscientes e inconscientes da comunicação verbal e não-verbal? Os aspectos simbólicos da comunicação verbal e não-verbal? Em psicoterapia de crianças de que idade? Na clínica precoce, psicoterapia conjunta pais-bebê, nas sessões conjuntas mãe-criança, pai-criança, familiares, nos grupos de crianças?*

Nunca me debrucei antes sobre este assunto (comunicação na psicoterapia psicodramática) e agarrei a idéia como uma entusiasmada oportunidade de pesquisa e atualização. E, claro, para o meu jeito de ser, tive mais vontade de ficar fuçando, estudando do que efetivamente produzir um texto ou comentário conclusivo sobre minhas andanças entre as bibliografias que levantei.

Apesar disso, cumprindo o compromisso, escolhi apenas apontar alguns aspectos e esclarecer outros que são específicos do psicodrama, com a esperança de contribuir para nossa reflexão sobre o tema.

Abrir canais de espontaneidade é a meta principal do psicodramatista (Fonseca, 2000, p. 117). Sendo assim, e levando em conta que a espontaneidade é decorrência do homem em movimento, em relação, como nos aponta Fonseca, penso a psicoterapia psicodramática com crianças como uma oportunidade de estimular a *fluência espontânea* na ação através da relação com o psicoterapeuta, e com as demais crianças no caso de psicoterapia em grupo.

Na origem do Psicodrama criado por J. L. Moreno, está o Teatro Espontâneo, o *treino* da espontaneidade através do *desempenho e inversão de papéis*. No teatro para a espontaneidade ou no teatro da espontaneidade, o jogo de criar personagens é a base da proposta (Motta, 2002). Quando ainda muito jovem (1912), Moreno reunia-se com grupos de crianças nos Jardins de Viena e alegrava-

* Tema de Mesa Redonda.

** Trabalho apresentado em Mesa Redonda, Evento Conjunto: I Congresso Brasileiro de Psicoterapia e II Encontro Brasileiro de Psicoterapia, 10 e 11 Outubro 2005, Belo Horizonte, MG e publicado em 2005, no site da Associação Brasileira de Psicoterapia: <http://www.abrap.org>

*** Psicoterapeuta de crianças, adolescentes e pais - família. Especialista em Psicoterapia Psicodinâmica Infantil. Psicodramatista Didata Supervisora. Especialista em Psicologia Clínica e em Psicologia Educacional. Supervisora de Psicoterapia Psicodramática com crianças no Instituto Sedes Sapientiae. Coordenadora de Comunicação e Divulgação do Departamento de Psicodrama do Instituto Sedes Sapientiae. Autora de livros e artigos publicados.

se por contar-lhes histórias improvisadas, estimulando-as à encenação e ao jogo de papéis de faz-de-conta em “brincadeiras psicodramáticas da infância”. Nos relatos desta convivência é possível visualizar os primórdios de sua inspiração, como por exemplo, a crença de que o desempenho de papéis favorece a *espontaneidade* e a *criatividade*.

Temos poucos registros do trabalho de Moreno com crianças. Em termos clínicos, há a publicação de apenas um protocolo de atendimento psicodramático de uma criança em Viena, referente a 1922 (Moreno,1974). Por este motivo, assim como aconteceu comigo, muitos psicoterapeutas da infância que tiveram suas formações baseadas na psicanálise, na psicoterapia psicodinâmica, e se encantaram posteriormente com o psicodrama, tiveram a oportunidade de adaptar a metodologia psicodramática ao tratamento de crianças com grande liberdade (Petrilli, 2000).

Foi na França, em 1946-7, que os psicanalistas iniciaram a utilização do psicodrama com grupos de crianças e adolescentes, buscando uma síntese que posteriormente foi denominada de psicodrama analítico (Anzieu, 1981).

Embora o Psicodrama moreniano seja uma metodologia mais apropriadamente voltada para uma abordagem grupal, na prática clínica com crianças o trabalho em grupo nem sempre é possível e indicado. Apesar disso, seus princípios e algumas de suas técnicas podem ser empregadas com muito êxito na psicoterapia individual (Petrilli, 2000).

O Psicodrama auxilia as crianças na superação de obstáculos ao seu desenvolvimento emocional, através, principalmente (acréscimo meu) daquilo que ninguém lhes pode tirar — sua imaginação. É através de jogos, brincadeiras e histórias, espontaneamente criados, que as crianças procuram lidar com o mundo que proporcionamos a elas. Tentam assimilá-lo, entendê-lo e transformá-lo.

As psicoterapias com crianças são sempre ludoterapias, situações em que o terapeuta presencia (e muitas vezes participa) seu brincar indispensável ou colabora para que este ocorra.

A terapia psicodramática conta com uma forma específica de brincadeira — o teatro de faz-de-conta. Na representação dramática, agindo "como se" — ou "fazendo de conta que", a criança expressa o que atinge sua sensibilidade, o que lhe dá prazer ou desprazer e vontade ou medo de aprender. Revela o sentido que o mundo tem para ela ou o revê, através dos papéis imaginários que é capaz de reconhecer, imitar e interpretar.

Toda brincadeira pode ser manifestação inconsciente do modo pelo qual a criança viveu, vive ou recorda certas experiências que a perturbam. Certos jogos simbolizam "vivências internas". Mas se não conseguimos oferecer um ambiente em que a criança possa de fato jogar e brincar, de nada vale a decifração do que está sendo simbolizado. (Gonçalves, 1988, p.11)

Assim, concordo com Camila Salles Gonçalves (1988), quando diz que “o psicodrama é, como outras, uma psicoterapia na qual a criança tem a oportunidade de se expressar e de se relacionar por meio da brincadeira e do jogo. O que o caracteriza e o diferencia tecnicamente de outras ludoterapias é o preparo do terapeuta para se prontificar, muitas vezes, a propor cenas, jogos, procedimentos dramáticos e a dirigi-los, algumas vezes, assim como contracenar com a criança. Têm cenários, ação (drama), atores que desempenham papéis e direção. *Psicoterapia*, favorece o brincar, o desenvolvimento da fala e o surgimento da palavra inconsciente, da qual se põe à escuta.” (p.111)

O desempenho de papéis tem valor terapêutico quando dominado pela espontaneidade, ou seja, quando adquire a qualidade de brincadeira espontânea, muito embora em uma sessão de psicodrama, o desempenho de papéis possa não consistir em brincar. O terapeuta deve saber que

contracenar só interessa enquanto não impede o brincar. Refiro-me neste momento ao brincar no sentido descrito por Winnicott (1975) e a importância, na relação terapêutica, da preservação das áreas do brincar, pois “esta possibilita a *interpretação criativa de papéis*, através da qual a criança pode ser auxiliada no conhecimento de sua identidade e na diferenciação entre seus próprios pontos de vista e os de outras pessoas” (Gonçalves, 1988 p.118).

Ainda que seja tópico pertinente, não pretendo aqui discorrer sobre o brincar ser ou não um sistema de comunicação que transmita uma mensagem, nem sobre o fato de poder ser considerado como uma linguagem, no sentido lingüístico, como o fez de forma brilhante Eliza Santa Roza, autora do livro “Quando brincar é dizer”. Esta autora nos convence da dificuldade de sistematizar o brincar como uma linguagem quando nos convida a levar em conta que no mesmo há uma articulação entre imagens que estão em ação, gestos e palavras (Roza, p.60). O brincar pode ou não ter a finalidade de comunicar, embora seja um fazer com qualidade de comunicação (Gonçalves, 1988 p.116).

O Psicodrama é conhecido como um método de ação. “O principal pressuposto a respeito da ação é que a experiência da *ação livre*, isto é, *espontânea*, e correspondendo aos verdadeiros anseios do sujeito, permite-lhe suas melhores condições (incluindo os fatores E e T) para a vida criativa.” (Wolff, 1988 p. 75)

Moreno não definiu “ação”, mas em sua obra é constante a idéia de que toda a ação é interação por meio de papéis e para agir em conjunto ou de forma combinada, as pessoas precisam de um tempo de preparação. Para interagir é necessário ativar a sensibilidade, a captação do movimento, do ritmo, dos sentimentos da outra pessoa; uma verdadeira afinção entre os agentes é indispensável para a ação ativa. (Wolff, 1988 p.76)

A dramatização é o método por excelência, segundo Moreno, para o autoconhecimento, o resgate da espontaneidade e a recuperação de condições para o inter-relacionamento, É o caminho através do qual o indivíduo pode entrar em contato com conflitos, que até então permaneciam em estado inconsciente.

Todos os instrumentos e técnicas utilizados na sessão de psicodrama visam propiciar a ocasião para que o cliente (protagonista) encontre os *papéis* que vem evitando ou mesmo vem desempenhando sem convicção nem espontaneidade. Às vezes, na dramatização, encontra um modo liberto, inovador ou renovador de lidar com esses papéis.

Moreno propunha aos atores, egos-auxiliares e pacientes/protagonistas a utilização de seu corpo para desempenhar, com emoção autêntica, os papéis a partir dos quais iriam interagir. Assim, um jeito de andar, uma postura, um baixar os ombros, podem ser os *iniciadores físicos* utilizados no aquecimento para o desempenho de papéis, ou seja, práticas corporais, portanto, não verbais, podem auxiliar no desempenho de papéis e na interação.

É importante assinalar que o termo ação aqui empregado, e que coincide com o psicodrama que pratico, além de ter implícita a idéia de interação, inclui a de comunicação, e ainda, a verbal e não verbal.

As técnicas em psicodrama estão relacionadas à arte teatral, à encenação do drama.

A título de ilustração, citarei algumas das técnicas básicas procurando demonstrar como na ação, ou seja, nas brincadeiras, jogos e dramatizações, a linguagem verbal e não verbal se articulam.

Técnica do Duplo

É utilizada quando o paciente está impossibilitado ou tem muita dificuldade para se expressar verbalmente. Neste caso, um terapeuta adota a mesma postura, expressão corporal e gesticulação do paciente, e fala a partir de sentimentos e emoções que capta.

Trata-se de um procedimento que exige muita flexibilidade e sensibilidade por parte do terapeuta (é uma fala interpretativa) derivada da captação do inconsciente do outro. É uma leitura não verbal do outro (ou de um grupo). Para isso, competência e cuidados são exigidos ao máximo. Fazer essa leitura é estar em contato com o mundo interno do outro, com suas riquezas pessoais e privadas, com sua intimidade, por mais que ela esteja (supostamente) visivelmente expressa. O risco de invasão é iminente, a responsabilidade enorme.

Aqui, mais do que nunca é necessário ver o outro como sujeito, em sua singularidade, dono de si mesmo e de seus processos de vida, e a “leitura”, como um *feedback*, do qual ele se apropria para enriquecer o seu desenvolvimento.

Nessa perspectiva, a leitura do não verbal que empregamos na técnica do duplo é um diálogo com o outro e não um discurso sobre o outro.

Técnica do Espelho

A técnica do Espelho propicia ao paciente/protagonista condições de melhorar a autopercepção. Consiste em transformar o cliente em expectador de si mesmo. O terapeuta, com a ajuda de egos-auxiliares, que podem ser membros do grupo, representa procurando reproduzir seu modo de se movimentar, de se comportar, de se comunicar com personagens de sua vida ou de seu mundo interno.

Também é necessário muito cuidado e sensibilidade para que o protagonista não se sinta caricaturado.

Com crianças é possível fazer adaptações dessa técnica utilizando-se bonecos, histórias, desenhos etc. “Espelhar atitudes e o inconsciente...”

Nessa variação da técnica em psicoterapia individual, ou como costumam chamar a que praticam de terapia através da relação, este efeito é conseguido quando o terapeuta, a partir de sua posição conta e mostra para a criança como a vê e a sente, quando confirma ou desconfirma sua atitude ou percepção. O psicoterapeuta, sem necessariamente sair de seu lugar, e a partir de seu próprio papel, reflete para o cliente, por meio de ações ou palavras, a imagem que ele lhe transmite, constituindo assim um dado que favorece o dar-se conta, o perceber-se. A criança, aqui, não é o espectador de sua própria ação, mas o espectador dos efeitos de sua ação sobre o outro (efeito espelho ou princípio do espelho).

Solilóquio

É um procedimento em que o cliente ou o ego-auxiliar faz um “aparte” na interação, em voz alta, revelando o que pensa ou sente. É um “monólogo” a respeito da interação, assim podem aparecer idéias ou sentimentos que não afloraram antes. É bom para explorar aspectos passivos de uma ação determinada ou paralisada. Excelente para sessões conjuntas (sessões com a criança e a mãe, a criança e o pai ou pai, mãe e criança, são exemplos de sessões conjuntas).

Fico por aqui lembrando que nem sempre em psicodrama estamos encenando. Também há muita conversa, cantoria e silêncio. O estar junto acontece por intermédio da ação, com a palavra ou sem ela.

O que se “devolve” para a criança pode ser feito através da ação e da palavra. Dependendo do momento, há privilégio de uma sobre a outra.

Em Psicodrama analítico, por exemplo, pela palavra podemos citar a interação coloquial, assinalamentos e interpretações (psicanalíticas).

Por meio da ação, podem ser feitas intervenções nos níveis real, simbólico e imaginário. Na prática, acredito, não há meios de separar o verbal da ação quando pensamos em termos da pragmática da comunicação humana.

Outras técnicas, muitas, aliás, poderiam ser explicitadas aqui, que a rigor foram criadas para o contexto psicodramático. Muitas vezes eu utilizo o princípio dessas técnicas no dia-a-dia da relação com meus pequenos clientes. A dialética do verbal e não verbal, do manifesto e do simbólico, do consciente e inconsciente, entre outros aspectos é o que mais importa na relação entre cliente e terapeuta. Estabelecer um contato em que caibam duas individualidades em comunicação e ação. Para isto, como psicoterapeuta, estou sempre me disponibilizando.

Certo dia meu cliente, um menino, entrou na sala e disse: “Vou contar um segredo que ninguém pode ouvir”. Eu disse prontamente: “OK. Mas tem alguém aqui!” Ele me olhou perplexo dizendo: “quem?” Respondi: “Eu”. Diante desse diálogo, meu cliente pareceu atrapalhado. Algo novo surgiu. Fiz-me presente e separada dele. No movimento que se seguiu, a criança guardou o segredo para si. (Petrilli, 2000)

Assim como este exemplo, outros podem ser consultados em meu trabalho: “Psicoterapia através da relação”, publicado no livro *Psicoterapia da relação: Elementos de psicodrama contemporâneo*, de autoria de José Fonseca, pela Editora Ágora em 2000 (ver referências bibliográficas).

Bibliografia

ANZIEU, D. *Psicodrama analítico*. Rio de Janeiro, Campus, 1981.

AVELLAR, L. Z. *Jogando na análise de crianças: Intervir-interpretar na abordagem winnicottiana*. São Paulo, casa do Psicólogo, 2004.

CALVENTE, C. *O personagem na psicoterapia: articulações psicodramáticas*. São Paulo, Ágora, 2002.

CUKIER, R. *Palavras de Jacob Levy Moreno: vocabulário de citações de psicodrama, da psicoterapia de grupo, do sociodrama e da sociometria*. São Paulo, Ágora, 2002.

DURIC, Z.; VELJKOVIC, J.; TOMIC, M. *Psicodrama em HQ: iniciação à teoria e à técnica*. São Paulo, Daimon, 2005.

FONSECA, J.L. *Psicoterapia da relação: Elementos de psicodrama contemporâneo*. São Paulo, Ágora, 2000.

- GONÇALVES, C. S. A questão da fala no Psicodrama: respeitando o óbvio. *Revista Brasileira de Psicodrama*, São Paulo, v. 2, fasc. I, ano 1994 p.73-79
- GONÇALVES, C. S. “A questão da fala no Psicodrama”. In: PETRILLI, S.R.A (Org). *Rosa-dos-Ventos da teoria psicodramática*. São Paulo, Ágora, 1994 p.77-82
- GONÇALVES, C. S. (Org) *Psicodrama com crianças: Uma psicoterapia possível*. São Paulo, Agora, 1988.
- MENEGAZZO, C. M. et alli. *Dicionário de Psicodrama e Sociodrama*. São Paulo, Ágora, 1995.
- MONTEIRO, R. (Org) *Técnicas fundamentais do psicodrama*. São Paulo, Brasiliense, 1993 pp.206-211
- MORENO, J.L. *Psicoterapia de Grupo e Psicodrama*. São Paulo, Mestre Jou, 1974.
- MORENO, J.L. *Psicodrama*. São Paulo, Cultrix, 1975.
- MOTTA, J. *Jogos: Repetição ou criação?: abordagem psicodramática*. São Paulo, Ágora, 2002.
- PETRILLI, S.R.A. “Abordagem psicodramática de uma criança e seus pais”. *Revista da FEBRAP*, ano 1, nº 6, 1984. pp. 106-109.
- PETRILLI, S.R.A. “A postura psicodramática em um processo psicoterápico infantil e seu valor terapêutico familiar”, *Revista da FEBRAP*, ano 7, nº 3, 1985. pp. 83-100
- PETRILLI, S.R.A. “Notas sobre o psicodiagnóstico de crianças na prática psicodramática”. Apresentado no 8º Congresso Brasileiro de Psicodrama, São Paulo, 1992.
- PETRILLI, S.R.A. “Psicodrama grupal com crianças: um exemplo de trabalho sobre a posição da criança na relação triangular (notas preliminares)”. Apresentado no 12º Congresso Internacional de Psicoterapia de grupo – IAGP, Buenos Aires, 1995.
- PETRILLI, S.R.A. “Psicoterapia através da relação” IN: FONSECA, J.L. *Psicoterapia da relação: Elementos de psicodrama contemporâneo*. São Paulo, Ágora, 2000. pp. 355-389
- PETRILLI, S.R.A “Psicodrama com crianças: raízes, transformações, perspectivas”. Trabalho apresentado no XIII Congresso Brasileiro de Psicodrama, Costa do Sauípe, 2002 Mesa redonda: Existe psicodrama com crianças? Publicado em http://www.febrap.org.br/biblioteca/acervo_pdf.php
- PINHEIRO, B. *O visível do invisível: a comunicação não verbal da dinâmica de grupo*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2002
- ROZA, E. S. *Quando brincar é dizer*. R. Janeiro. Contra-Capa, 1999.
- WINNICOTT, D. *O brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro, Imago, 1975.
- WOLFF, J. R. et alli. *Lições de Psicodrama: introdução ao pensamento de J. L. Moreno*. 2ª ed. São Paulo, Agora, 1988.